



A Escola do futuro é livre e justa

Em 50 anos de Democracia, com avanços e recuos, o sentido tem sido o de garantir o direito à Educação de todas as crianças e jovens, que tem como expoente os 12 anos de escolaridade, a inclusão e a educação para a sexualidade, onde subjazem princípios da Declaração dos Direitos Humanos, de que são também exemplos a escola multicultural, com todas as diversidades.

Uma Escola Inclusiva só se efetiva quando é assumida por todas as dimensões do sistema e o transforma qualitativamente, ao mesmo tempo que se perfila no combate às desigualdades e contra a exclusão e o preconceito. É a construção de um sistema educativo onde todos sentem que pertencem, que são aceites e valorizados por igual.

Terá de ser uma escola com equidade, de acesso universal, independente do contexto económico das famílias, desde o primeiro ano de vida até ao superior, na qual haja uma transformação real das práticas, da organização e na forma como é vivida em cada dia por todos os alunos, sobretudo pelos que estão em minoria, em desvantagem ou risco de exclusão.

O que se pretende com a escola pública universal é um projeto de todas as pessoas, com todas e para todas. Tal implica reconhecer que não há uma Escola, mas muitas escolas dentro da Escola. Implica atender à grande pluralidade dos espaços sociais e das variações culturais inerentes, observando-os nas suas específicas articulações com dimensões políticas, sociais, culturais e geográficas. Pressupõe analisar as práticas sociais e as representações dos diferentes atores e agentes educativos.

Atacar a Educação é ameaçar a Democracia

O ataque à Educação é uma das estratégias do ataque à democracia. As ideias mais conservadoras e de extrema-direita criticam os desenvolvimentos civilizacionais, com argumentos sem base científica, preconceituosos, racistas, homofóbicos e limitadores dos direitos das mulheres.

Os sinais evidentes da progressão de ideologias conservadoras e de extrema-direita colocam em alerta a Educação e a Escola Pública. Desde sempre a escola é o terreno onde de modo mais declarado ou mais subliminar, se aplicam ideologias que trazem desenvolvimentos no que se aprende e no que se ensina num determinado sentido.

Importa, pois, saber que ferramentas e vivências estão a ser promovidas junto de alunos e de alunas que lhes permitam desenvolver a capacidade de compreender e interpretar a realidade, desmontando a manipulação e as narrativas mais conservadoras, contrariando o retrocesso a uma educação tecnocrática, positivista e meritocrática, fortemente reprodutora das desigualdades sociais.



Um espaço de criação e pensamento crítico

Para além da aprendizagem formal, a escola é lugar social de fraternidade, devendo ser um espaço de segurança para todas as pessoas se exprimirem em liberdade. Uma escola que aposta numa educação antirracista e garante uma efetiva educação para a sexualidade, que seja laica e promova o sucesso a expressão individual e a participação de todas as crianças e jovens.

Uma educação para a cidadania que também revisita, entre outros, o tema da Educação para a Paz, da não violência, do respeito e acolhimento, respondendo e prevenindo o ódio que se vem normalizando.

Os currículos escolares devem também garantir a melhor formação sem invisibilizar nem desumanizar, com direito à dignidade. Os doze anos de escolaridade valem por si mesmo e não como antecâmara do ensino superior.

A primeira infância deve estar incluída no sistema educativo e a oferta de creches e de intervenção precoce deve corresponder a uma rede pública distribuída pelo território.

A escola que queremos respeita e ouve todos os/as seus/suas profissionais, oferecendo carreiras dignas e condições laborais justas, como pressuposto para a qualificação do sistema, em todos os níveis de ensino, incluindo o ensino artístico, o EPE e o ensino superior.

A escola portuguesa continua sujeita a investimento insuficiente e a um constante diminuir de recursos que urge contrariar, impulsionando o acesso com qualidade e a modernização.

Isto passa por devolver a democracia às escolas, e também às instituições do ensino superior, através de uma gestão democraticamente eleita pelos pares, participada, com autonomia e partilha das decisões.

Uma escola democrática é um espaço de liberdade cidadã, de criação, de escuta ativa, de pensamento crítico e de expressão da vida, através de experiências realmente educativas.

Esta é a Escola Pública que defendemos e queremos continuar a construir com todos os profissionais da educação, pais e alunos, como uma das principais conquistas do 25 de abril e de um Portugal democrático e moderno. Isso significa que pela frente está o desafio de uma ampla transformação.

Jorge Humberto Nogueira - 14890

Alexandra Vieira - 12281

Cátia Domingues - 16084

Helena Maria Amaral - 611

Texto para a V Conferência Nacional do Bloco de Esquerda



Sandra Cristina Ferreira da Costa - 13397
Maria José Vitorino Gonçalves - 606
Maria Deolinda Marques Dias Martin - 3942
Almerinda Bento - 529
Manuel Fernando Rosa Grilo - 649
Cristina Borges Guedes - 7962
Carlos Augusto Motta da Silva - 5665
Alexandre Sérgio Mano - 8111
Manuela Airosa Gonçalves - 12215
Albertina de Jesus Moura Pena - 263
Manuela Maria Coelho Antunes - 1289
Fabíola da Cruz Neto Cardoso - 1324
Ricardo Cerqueira - 9804
João Manuel Duarte Vasconcelos - 1508

Texto do Grupo de Trabalho da Educação do Bloco de Esquerda para a V Conferência Nacional do Bloco de Esquerda no Porto em 26 e 27 de outubro de 2024.

Publicado em pgs. 39 a 41, no II Boletim da Conferência.

<https://www.bloco.org/not%C3%ADcias/atualidade/item/3825-v-confer%C3%A2ncia-boletim-n%C2%BA-2.html>